

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

ARTICULAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO COMBATE À VIOLÊNCIA: uma experiência no curso de Formação de Docentes do Colégio Estadual Campina da Lagoa- EFMPN

Cleonice Aparecida de Lima¹
Antônia Maria Bersanetti²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo fazer uma socialização e relatar o percurso e o resultado das atividades realizadas no Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE, sintetizando as contribuições dos autores consultados e as práticas desenvolvidas no decorrer do processo. O trabalho desenvolvido contou com a participação de vários segmentos da escola, entre eles, direção, pedagogas, professores, alunos, pais e comunidade do Colégio Estadual Campina da Lagoa. O objetivo era trabalhar o papel do pedagogo na articulação do trabalho pedagógico no Enfrentamento a Violência nas escolas, uma experiência no Curso de Formação de Docentes, focalizando as discussões e atividades nas “violências miúdas” que acontecem nas escolas de educação infantil e anos iniciais, campo de estágio da prática de formação do curso e que tanto preocupa os professores e os alunos por não conseguirem entender, combater e ou prevenir essas formas sutis de violência. Neste sentido buscou-se fazer um recorte específico sobre essas violências que estão adentrando cada vez mais cedo os muros das escolas e como o trabalho coletivo pode contribuir para este enfrentamento.

Palavras-chave: Articulação pedagógica. Violência escolar. Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em violência nas escolas é necessário reportarmos ao processo histórico em que este tema está inserido, pesquisas recentes destacam que poucos autores se debruçaram sobre o tema no século passado, somente alguns autores como, (Colombier, Mangel, Perdriault, 1989; Debarbieux, 1996; Abramoway, 1998), neste sentido o projeto de trabalho PDE veio ao encontro das necessidades e desafios da escola atual, pensarmos na violência não punível na lei, naquela manifestada em forma de pequenas incivildades, como coloca Elias (1939) ou violência miúdas, conforme Lopes e Gasparin (2007), é desnudar o processo evolutivo da violência dentro dos muros da escola. O projeto pensado e desenvolvido articulou este caminho, fez uma leitura do real e contrapôs as teorias, lançou aos participantes da Implementação Pedagógica diversas indagações, o caderno pedagógico instigou-os a refletir sobre sua prática, a fazer a relação entre o aluno real e o

¹ Professora Pedagoga da Rede Estadual no Colégio Estadual Campina da Lagoa, município de Campina da Lagoa, graduada em Pedagogia e Serviço Social com Especialização em Pré-escola e Metodologia das Séries Iniciais e Psicopedagogia, cursista PDE 2012-2013. Cleolima4@hotmail.com

² Professora Mestre- Orientadora PDE – FECILCAM ambersanetti@gmail.com

ideal desde a Educação Infantil e abriu novos questionamentos. No GTR foi possível discutir e refletir sobre a importância do estudo sobre as violências na escola desde a Educação Infantil, carecendo de uma melhor compreensão e formação por parte dos educadores sobre o tema, e por estarmos trabalhando com futuros educadores o tema torna-se ainda mais pertinente.

ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA, GESTÃO DEMOCRÁTICA E O PAPEL DO PEDAGOGO FRENTE ÀS DEMANDAS EDUCACIONAIS.

A especificidade do papel do pedagogo nas escolas públicas do estado do Paraná está sendo amplamente debatida, o retorno do pedagogo nas escolas aconteceu a partir de 2003, com o concurso público realizado pela SEED-Pr, onde adotou-se a nomenclatura professor pedagogo juntando-se as funções do orientador educacional e do supervisor escolar. Desta maneira o Estado devolve o campo de trabalho do Pedagogo na escola, dando a ele espaço de trabalho, mas cobrando-lhes uma sólida formação para a gestão, em linhas gerais podemos situá-lo como o articulador na organização do trabalho pedagógico nas escolas.

De acordo com o edital do concurso público da Secretária de Estado da Educação (SEED/PR) do ano de 2004, o pedagogo deve atuar com as seguintes condições:

[...] compreensão ampla e consistente do fenômeno e da prática educativa que se dão em diferentes âmbitos e especialidades; compreensão do processo de construção do conhecimento no indivíduo inserido em seu contexto social e cultural; capacidade de identificar problemas sócio- culturais e educacionais propondo respostas criativas às questões da qualidade do ensino e medidas que visem superar a exclusão social; compreensão e valorização das diferentes linguagens manifestas nas sociedades contemporâneas e de sua função na produção do conhecimento; compreensão e valorização dos diferentes padrões e produções culturais existentes na sociedade contemporânea; capacidade de apreender a dinâmica cultural e de atuar adequadamente em relação ao conjunto de significados que a constituem; capacidade para atuar com portadores de necessidades especiais, em diferentes níveis da organização escolar, de modo a assegurar seus direitos de cidadania; capacidade para atuar com jovens e adultos defasados em seu processo de escolarização; capacidade de estabelecer diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento; capacidade de articular ensino e pesquisa na produção do conhecimento e da prática pedagógica; capacidade para dominar processos e meios de comunicação em suas relações com os problemas educacionais; capacidade de desenvolver metodologias e materiais pedagógicos adequados à utilização das tecnologias da informação e da comunicação nas práticas educativas; compromisso com uma ética

de atuação profissional e com a organização democrática da vida em sociedade; articulação da atividade educacional nas diferentes formas de gestão educacional, na organização do trabalho pedagógico escolar, no planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas da escola; elaboração do projeto pedagógico, sintetizando as atividades de ensino e administração, caracterizadas por categorias comuns como: planejamento, organização, coordenação e avaliação e por valores comuns como: solidariedade, cooperação, responsabilidade e compromisso (PARANÁ, SEED apud GODOY, 2006, p.3).

A função do pedagogo na escola é enorme, não vamos aqui elencá-las ou discutí-las, estamos situando a sua interligação com todos os demais profissionais da educação, para entendermos que sua atuação deve ser ampla e propiciar condições de todos os envolvidos no processo educativo se emanciparem, sendo necessário também que se emancipe. Para Libâneo:

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta e indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com os fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações. A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas de organização, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula (LIBÂNEO, 1996, p.127).

Foi partindo deste princípio que desenvolvemos o Projeto de Intervenção, procurando fazer esta interlocução entre as funções do cotidiano e os novos desafios sócio educacionais presentes nas escolas. Cabe a escola e no caso específico ao pedagogo fazer com que estes novos desafios que exigem pesquisa e reflexão sejam pensados de forma objetiva e que seu objetivo expresse a humanização dos homens. (PIMENTA, 2010, p. 84) ressalta que “não há educação a não ser na sociedade humana, nas relações sociais que os homens estabelecem entre si para assegurar a sua existência”. É através das relações estabelecidas neste processo de humanização que teremos que definir que prática teremos diante da teoria que embasa nosso problema. Sendo que “para Marx, práxis é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico) é preciso transformá-lo (práxis). (PIMENTA, 2010, p.86).

As primeiras indagações nos levaram a caminhos diversos, eram muitas as interrogações, muitos eram os problemas encontrados que nos instigavam, várias foram às ideias que surgiram para o desenvolvimento do projeto, mas precisávamos trilhar por novos caminhos, um primeiro momento foi pensar nos desafios sócios educacionais que estavam emergindo e que nas reuniões pedagógicas e conselhos de classe tanto era falado e as angustias divididas muitas vezes não se tinha conhecimento teórico para aprofundarmos o debate. O trabalho do pedagogo frente às novas demandas conforme coloca Paro (2004), precisa ser repensado em sua totalidade, não esquecendo que ele é responsável pela gestão, um articulador, levou-nos a optar pelo desvelamento das violências que adentram os muros da escola cada vez mais cedo, saindo de seu entorno e levando-nos a questionar qual o papel do pedagogo, como ele pode articular este trabalho e quais caminhos seguir, poderia ele através da gestão democrática desenvolver um trabalho de prevenção?

Para Paro,

Quando se renuncia à concepção da educação no senso comum – que, em seus métodos de ensino, privilegia os “conteúdos” em detrimento dos sujeitos envolvidos – e se opta pela realização de uma educação democrática – que tem no ser humano-histórico sua principal referência – certamente há que adotar outros parâmetros metodológicos, que levem em conta a condição de sujeito tanto do educando quanto do educador (PARO, 2004, p.29).

Neste contexto, de renúncia ao senso comum e ao conteudismo, partiu-se para aprofundar o conhecimento do sujeito real que temos, aqueles que nas contradições do dia a dia nos levam a indagar nosso papel como educadores. A partir daí delimitou-se o tema do projeto de intervenção, trabalhar com professores e alunos do Curso de Formação de Docentes do Colégio Estadual Campina da Lagoa a questão das violências invisíveis, ou violências miúdas, como coloca Lopes e Gasparin (2003), que estão presentes nas escolas campo de estágio e que se não olhadas e feito um trabalho de prevenção, quando esses alunos estiverem na adolescência já estarão desenvolvendo outro tipo de violência, a punível por lei. E o que queríamos era desvelar as violências não puníveis na lei, mas que ferem e causam males ainda maiores aos envolvidos neste contexto.

Nesta perspectiva pensamos que para se ter uma sociedade justa é necessário que todos tenham os mesmos direitos e deveres, expressos na

Constituição Federal, sem preconceito de qualquer natureza. Antes de falarmos em violência na escola temos que entender que a educação em direitos humanos e cidadania é um processo educativo contínuo e permanente, cuja finalidade é a defesa da dignidade humana, da liberdade, da igualdade, solidariedade, justiça, democracia e paz e que quando não conseguimos atingir plenamente esta finalidade começamos a negação de direitos básicos, o que faz com que se restrinja a cidadania.

Para Pimenta (1995) todo trabalho do pedagogo com o aluno, seja ele em grupo ou individual faz-se um trabalho com o professor, sempre ele estará intermediando esta relação professor-aluno e por isso sua função não deixa de ser mediadora em todos os sentidos, garantindo sempre a melhoria nas condições de aprendizagem e suas relações, pois não há aprendizagem sem que haja condições para isso, e uma das condições é a de se preservar a integridade física e emocional dos alunos. De tal modo, o projeto de Implementação Pedagógica foi trabalhado em parceria com a Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, com um curso de extensão para direção, equipe pedagógica, professores e alunos do Curso de Formação de Docentes, com o objetivo de trabalhar o enfrentamento a violência nas escolas com o Caderno Pedagógico produzido.

O Caderno Pedagógico construído foi dividido em três unidades, assim distribuído: Unidade I- Articulação pedagógica, gestão democrática e o papel do pedagogo frente às demandas educacionais, onde discutimos a função do pedagogo, o pedagogo e as demandas socioeducacionais e a Formação de Docentes e as práticas educativas; Unidade II- Repensando as várias faces da violência, com os temas, como definir a violência dentro dos muros da escola, violência escolar e o papel do professor e violências miúdas na Educação Infantil e Anos Iniciais; Unidade III- Caminhos e apontamentos para o enfrentamento a violência nas escolas, elaborando projetos educativos de enfrentamento a violência e a participação do coletivo.

Na rede estadual de ensino o papel do pedagogo vem se destacando e ocupando cada vez mais um espaço amplo e articulador na organização do trabalho pedagógico e, portanto, necessariamente espera-se deste profissional, ações efetivas na compreensão e propostas de atuação sobre os vários desafios sócios educacionais que a escola enfrenta na atualidade. Para ampliar

o debate, nos alicerçamos nas ideias de Gadotti (2004), Libâneo (2002), Paro (2004) e no Caderno Temático de OTP, capítulo II. Pautamos as discussões sobre o papel do pedagogo frente os desafios sócio educacionais, de acordo com a proposta da SEED-Paraná,

Para tanto surge às discussões a nível estadual sobre como preparar as escolas para trabalhar e superar esses problemas em consonância com o Currículo e de acordo com as leis que amparam. A Secretaria de Estado da Educação se apresenta como parceira da comunidade escolar oferecendo subsídios teórico-metodológicos e propondo ações, em parceria com outras instituições, para a elaboração de estratégias que visam à mitigação dos desafios sócio educacionais. (PARANÁ, 2008, p. 7)

Para situar nossas discussões frente ao enfrentamento a violência, temos que apreciar todos os outros Desafios Educacionais proposto pela Secretaria, que são, Cidadania e Direitos Humanos; Educação Ambiental; Educação Fiscal; Escola Aberta; Prevenção ao uso indevido de drogas e então o Enfrentamento a violência nas escolas. A violência escolar é um dos grandes desafios enfrentados, e sua discussão ainda é algo difícil de fazer com os vários segmentos da escola. Uma das preocupações é o modo como irão atuar neste contexto e que poderá promover o desenvolvimento dos indivíduos participantes da escola, ou ainda, resultar em maiores conflitos e problemas. Demarcar neste contexto as características da implantação do Curso de Formação de Docentes no Estado do Paraná³ e as práticas educativas, fazendo uma breve retrospectiva, os princípios pedagógicos, a prática de formação e a contextualização dos saberes, onde é através da prática de formação (estágios), nas escolas campo de estágio de Educação Infantil e anos iniciais que os alunos vão vivenciar as situações que envolvem os desafios socioeducacionais. Como diz Lopes e Gasparin (2003), temos que saber separar rebeldia de delinquência, o imediato do arraigado, do que é pautável pela lei e o que temos que resolver pedagogicamente. Não podemos negar que essas violências que chamamos de miúdas, são também dolorosas. Estamos buscando resgatar a boa convivência, o respeito e o direito pela igualdade, enfim, dar direito à cidadania.

³ Para conhecer a Proposta acesse

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_formacao_docentes.pdf

REPENSANDO AS VÁRIAS FACES DA VIOLÊNCIA.

A questão da violência nas escolas é uma discussão recente no Brasil, segundo Lopes e Gasparin (2003,p.297) somente no final da década de 80 e início da década de 90 este tema ganha espaço nas pesquisas acadêmicas, citando os trabalhos de Guimarães (1988), Fukui (1992), Zaluar (1992), Adorno (1992) e Moraes (1995). Como coloca Michaud (1989) “A violência são os fatos tanto quanto nossas maneiras de aprendê-los, julgá-los, de vê-los_ ou de não vê-los” assim realizamos uma pequena retrospectiva de como a violência foi vista no decorrer da história e como durante muito tempo, a discussão sobre violência ficou fora dos portões da escola. Não se admitia que a escola tivesse que resolver e discutir os problemas vindos da família e da sociedade. Era questão social. Segundo Abramovay e Rua (2004) nas últimas décadas, aumentou substancialmente o registro de atos delituosos e de pequenas e grandes indisciplinas nas escolas,

“[...] assim, além de enfrentar problemas internos de gestão e precariedades variadas, que afetam o desempenho pedagógico, a escola passa por um período no qual a ideologia que a sustentou durante anos é contestada” (ABRAMOVAY & RUA, 2004, p.27).

Podemos para exemplificar as várias faces da violência, utilizar a definição dada por Michaud (2001) e citado por Silva (2005),

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (Michaud, 2001; in: Silvia, 2005 p. 15)

Desse modo, entrelaçando as ideias que já compúnhamos sobre as violências e o que diz as leis brasileiras referentes especificamente ao cuidado, proteção à criança e ao adolescente,

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010) (grifo nosso).

O Estatuto da Criança e da Adolescência (ECA) em seu artigo 5º ressalta que,

Art. 5º ECA “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.(BRASIL, 2012,P.15)

Para completar, o papel do pedagogo no âmbito escolar é garantir que esses direitos sejam respeitados e vai além, deve promover ações que venham prevenir a transgressão dos mesmos. E, ainda, destaca no artigo 17 que:

Art. 17 ECA “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (BRASIL, 2012, p.18).

Os tipos de violência que temos na escola são as que acontecem na escola, as da escola e as contra a escola.

Se soubermos a que viemos, com quem contamos, o que queremos, não seremos passivos ou inertes frente aos conflitos: nem os temeremos [...]. Será, talvez, possível, ocupar um lugar de adultos professores, na difícil tarefa de receber os mais novos, os que estão iniciando suas vidas: [...] Sabendo que, nesse encontro, há conflitos: entre saberes, entre gerações, de gênero, de raças, de religiões e visões de mundo, [...] Cabe recordar que conflitos não são sinônimos de violência. Uma das formas de “resolver” um conflito é a violenta, mas não é a única nem esta resposta é necessária. Cabe, nestas escolas que sabem a que vieram e a estes professores que conseguem ocupar um lugar, o reconhecimento de que os conflitos são inerentes à existência; que há um “outro” neste conflito, que precisa ser reconhecido como um interlocutor; o reconhecimento de que é possível lidar com as questões conflituosas do cotidiano escolar. (PARANA, 2008, p. 17)

Pontuamos aqui as discussões das violências miúdas, descobrindo elementos que constituem o fenômeno, tornando visível sua natureza para poder reconhecê-lo no momento de lidar com ele na escola. Alguns autores como Piaget, Winnicott e Aguado (1977) colocam algumas dúvidas sobre o termo violência, usado para crianças da educação infantil. Segundo eles, estas crianças estão em formação e suas atitudes são de agressividade, que se difere de violência. Eles afirmam que esta agressividade é natural da criança nesta fase, e muitas escolas veem essas crianças como adultos em miniaturas,

já Lopes e Gasparin (2003) colocam que o que chamamos de incivildades como Debarbiux (1997) que parecem inofensivas, já incorporadas no cotidiano da escola e é o que nos relata os alunos do Curso que voltam de sua prática de formação nas escolas de Educação Infantil, são em suma anúncio de agressões mais graves, ou seja, não deixam de ser violência, mas invisíveis aos olhos. No sexto encontro continuamos a conversa sobre as violências miúdas, agora pautados nas ideias de Arroyo (2007) como ele coloca, “a dúvida mais destrutiva para a Pedagogia é não acreditar na educabilidade do ser humano, da infância que por ofício acompanha”. De acordo com esta concepção e as ideias gerais do texto do mesmo autor “Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia” (2007), trabalhamos as relações de poder que encontramos no espaço escolar, a inclusão dessas crianças vistas como violentas, de forma errada, as políticas públicas, a questão do currículo, o momento histórico, cultural e o contexto que este processo acontece. Segundo Elias (2011), a violência na escola é uma realidade complexa e multidimensional e requer um conjunto de ações, de medidas integradas e de iniciativas articuladas.

CAMINHOS E APONTAMENTOS PARA O ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.

Compreendermos o papel do pedagogo frente às novas demandas que se apresentam para a função, conseguir dialogar perpassando as várias disciplinas, elaborar planos que consigam dar conta da função social da escola, dos desafios que emergem neste espaço de contradição, garantindo o acesso ao conhecimento científico através de práticas concretas, socializando esses conhecimentos, organizando o trabalho para que a escola funcione seguindo as transformações ocorridas na sociedade em que está inserida e encarar os desafios socioeducacionais do século XXI é o maior desafio das escolas. No Projeto de Implementação, um dos trabalhos realizados foi a elaboração pelo grupo, de projetos de prevenção à violência nas escolas, os grupos pré-definidos escolheriam dentro do tema violência e da delimitação na Educação Infantil e Anos Iniciais, um título para escrever e elaborar o mesmo. Neste sentido, buscamos de forma livre, sem delimitar nenhuma metodologia específica indicar caminhos que ajudem nos problemas encontrados nas

escolas. Nos projetos apresentados foram colocadas as preocupações dos professores e alunos do Curso de Formação, mostraram a realidade que acontece nas escolas do município e sugestões de trabalho para prevenir essas violências miúdas. Uma das anotações feitas no Caderno Pedagógico e que transcrevo aqui é que, “devido ao tempo destinado ao projeto de Implementação, não daria tempo de aprofundarmos o mesmo, mas a longo prazo desenvolveremos juntamente com os professores do curso este tema nas escolas campo de estágio”. Assim, tivemos projetos voltados para o trabalho com valores humanos, paz, bullying e não violência.

Outra atividade de destaque na implementação do PDE foi a realização de uma mesa-redonda com a presença de todos os alunos do curso de Formação de Docentes, professores, direção e equipe pedagógica que participaram do curso de extensão e como convidados para mesa, tivemos a presença da Secretária Municipal de Educação, todos os diretores da rede municipal e a Presidente do Conselho Tutelar. Após uma breve explanação do projeto de Implementação foi passado a palavra para cada membro da mesa falar como vê a violência em seu espaço de trabalho, na maioria das falas descreveram as delimitações do trabalho da direção, equipe pedagógica e professores neste enfrentamento a violência e a importância da família para trabalhar com os alunos que precisam de acompanhamento, o Conselho Tutelar foi citado como parceiro e que o trabalho dos conselheiros contribui muito neste enfrentamento. Antes do encerramento foi aberto para perguntas do público presente, alunos e professores do Curso de Formação de Docentes, a técnica utilizada foi a de escrever a pergunta já direcionada a pessoa na mesa que gostaria que respondesse sem que a pessoa que escreveu a pergunta se identificasse. A maioria das perguntas foi direcionada para a Secretária Municipal de Educação e eram voltadas para questão da indisciplina na sala de aula, as salas superlotadas e sem professor auxiliar e como é trabalhada a relação escola e família nessa questão da violência encontrada nas escolas. Para a Secretária é importante um trabalho para prevenir a violência que acontece a cada momento dentro e fora da sala de aula, a secretaria está levando às escolas até o final do semestre uma cópia para cada responsável dos alunos do Regimento Escolar para ser debatido e para que todos conheçam seus direitos e deveres, sem a família não é possível à

educação fazer seu papel. Segundo ela, as crianças estão chegando à escola sem limites e os professores não conseguem ensinar e educar. Como coloca Fernandez, (2005, p. 44) “cada tipo de acontecimento conflitante exige intervenções diferenciadas que apontem para três objetivos básicos: prevenção, intervenção e solução de conflitos”, e com essa mesa redonda, procuramos fazer a interlocução com as escolas desse Projeto de Implementação que pode dar continuidade com novas ações.

Outro requisito para conclusão do PDE é a tutoria no Curso Grupo de Trabalho em Rede (GTR) desenvolvido pela Secretaria Estadual de Educação, na Plataforma MOODLE, formato Curso EAD. Neste trabalho as atividades eram divididas em Fóruns de Discussões e Diários, onde os participantes interagiam com a Tutora e entre os participantes. As participantes tiveram aproveitamento excelente, participaram muito dos fóruns, contribuíram com sugestões para o tema proposto, levantaram novos questionamentos e encaminhamentos que poderiam servir em cada realidade no enfrentamento a violência nas escolas, trocaram relatos de experiências de sucesso, abordaram e refletiram sobre o papel do pedagogo, sua função mediadora e articuladora dos processos educativos dentro da escola.

Como coloca Paro (2004) não adianta estar na LDB que a escola deve ser democrática, ela tem que acontecer no dia a dia, nas ações de cada membro envolvido no processo, “democracia não se concede, se realiza” (2004, p. 19), e para ser democrática, tem que existir conflitos, expor suas mazelas, dialogar, as tomadas de decisão ser no coletivo. E através destes cursos podemos interagir, trocar conhecimentos e melhorar nossa prática. Os conflitos iminentes de um processo contínuo, de sujeitos reais em uma escola que busca fazer sua função transformadora, precisa contar com uma equipe pedagógica que trabalhe nesta perspectiva de gestão democrática, alicerçando suas práticas nesta concepção de escola que traz a tona seus problemas e procura resolvê-los, articulando o trabalho, desenvolvendo mecanismos de participação dos demais órgãos colegiados da escola e até fora do espaço escolar quando necessário.

Trabalhar os desafios sócio educacionais dentre tantas outras atribuições não está sendo tarefa fácil para a maioria das pedagogas participantes do grupo, vários são os fatores que muitas esbarram, tais como

falta de domínio do assunto, atribuição de funções pela direção que fogem ao seu papel, excesso de documentos para elaborar, “apagar incêndios” toda hora nas salas de aula ou no pátio, entre outros. O que para muitas torna quase impossível fazer um trabalho de prevenção, de entender as “violências miúdas” e tentar fazer um trabalho com os alunos, ficando para depois sempre este trabalho, e quando percebem já precisam usar as formas punitivas para os tipos de violência que esses alunos estão praticando. Estas trocas enriqueceram e contribuíram para o trabalho de cada participante e para a tutora serviu de base para novas ideias, novas buscas de referências para o trabalho de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado buscou desvelar o outro lado da violência, aquela violência invisível, “violências miúdas” como coloca Lopes e Gasparin (2003) ou “incivildades” como coloca Debarbiuex (1997), muitas vezes deixada de lado por ser corriqueira e não causar danos físicos mais graves ou mesmo vistos como normal na fase que a criança se encontra. Caracterizar o Bullying, a indisciplina, comportamentos agressivos, as violências físicas, verbais e até psicológicas que adentraram os muros da escola torna-se fácil perto da complexidade deste outro tipo de violência, que se encontra mascarado, oculto ou até mesmo escancarado em forma de “normalidade” devido à idade ou através da alegação que a criança possui um “temperamento” forte. Sendo um tema ainda tão pouco estudado, mas também polêmico e preocupante para a escola e demais envolvidos deve ser amplamente discutido, visando minimizar a gravidade dos fatos em longo prazo, que levam a este tipo de violência, transformando-se em violências maiores que poderiam ser evitadas.

A pesquisadora Hannah Arendt (1994) descreve a situação das pesquisas sobre o tema, “falta grandes estudos sobre o fenômeno da violência e tem-se, conseqüentemente, uma banalização do conceito”, assim adentramos nas poucas referências que encontramos, tais como, Arroyo (2007), Abramoway (2004), Debarbiuex (1997) Lopes e Gasparin (2003), Michaud (1989) Ortega e Del Rey (2002) entre outros, que discutem a violência de forma mais generalizada. Com esta pesquisa, não temos a pretensão de

aprofundarmos nosso conhecimento sobre o assunto, seria utopia, queríamos entender um pouco este fenômeno que está adentrando cada vez mais cedo os muros da escola e conseqüentemente, tentar dar “respostas” para as indagações dos alunos do Curso de Formação de Docentes, que perceberam ao realizarem suas práticas nas escolas campo de estágio do município, em sua formação uma lacuna, estavam sendo preparados para aplicar os conteúdos de cada etapa, mas não estavam sendo preparados para enfrentar os desafios que permeiam a relação ensino-aprendizagem, o currículo oculto, as manifestações do social e familiar, o embate entre o aluno ideal e o aluno real. Tratar a questão da violência nas escolas neste contexto foi o primeiro passo para futuros aprofundamentos e novas formas de pensar a Proposta Curricular do Curso de Formação de Docentes. A partir daqui surgem novas ideias de pesquisa, formação continuada para os professores do curso, aplicação de projetos de não violência pelos alunos do curso nas escolas campo de estágio e muitas leituras, para que não fiquemos como coloca Harendt (1994) banalizando as várias formas de violência que se manifestam nas escolas.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994.

ABRAMOVAY, M. ; WAISELFISZ, J. J. . **Juventude, Violência e Cidadania**. Brasília: Cortez, 1998. v. 1.

_____, M. & RUA, M. G. **Violência nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Quando à violência infanto-juvenil indaga a pedagogia**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28,n.100- Especial, p.787-807,out.2007 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0828100.pdf>> acesso em 01 de maio de 2012.

BRASIL. Constituição (1988).Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 66, DE 13 DE JULHO DE 2010. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc66.htm.
Acesso em 13 de outubro de 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8069 de 13/07/1990. Capturado em 12 de outubro de 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura do, Domínio Público: Teses e Dissertações. OLIVEIRA; Adriana Dias de Dissertação de mestrado: **Violência escolar**: verso e reverso das sociabilidades contemporâneas (p. 61 a 77), Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=149855> Acesso em 11 de Outubro de 2012.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIAULT, Marguerite . A violência na escola. São Paulo, Ed. Summus, 1989.

DEBARBIEUX, Eric. La Violence en milieu scolaire: perspectives comparatives portant sur 86 établissements. Bordeaux: Université de Bordeaux II, 1996.

_____, E. , BLAYA, C. (Orgs.). **Violências nas Escolas**: dez abordagens europeias. Brasília – DF: UNESCO, 2002.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Práxis**. Sao Paulo: Cortez, 2004.

GODOY, Miriam Adalgiza Bedim, Pinto, Adriana Aparecida. **Os (des) caminhos da atuação do Pedagogo na escola pública**: vivências e inquietações no Estado do Paraná. Curitiba, s/d. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia2/aatuacaopedagogo.pdf. Acesso em 02 de setembro de 2013.

FERNANDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos**: o clima escolar como fator de qualidade; tradução de Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Que destino os educadores darão à pedagogia?**". In: PIMENTA, Selma G. (coord.). **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996.

_____, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo:

Cortez, 2002.

LOPES, Claudivan Sanches; GASPARIN, João Luiz. **Violência e conflitos na escola**: desafios à prática docente. Disponível em:

<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2192>

Capturado em 12 de Abril de 2012.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989. 119p.

ORTEGA, Rosario e DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília/DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília) e Observatório de Violências nas Escolas (UCB), 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. **Enfretamento à Violência na Escola**. Caderno Temático: 1ª edição. Curitiba: SEED, Pr. 2008.

_____. SEED. SUEDE. Departamento de Educação Profissional. **Proposta Curricular do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Nível Médio**. Curitiba, 2006. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_formacao_docentes.pdf acesso em 12 de outubro de 2013.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Coordenação de Gestão Escolar. **Organização do trabalho pedagógico**. Caderno Temático 1ª edição. Curitiba: SEED – Pr., 2010. - 128 p.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **EDITAL Nº 10/2007** – GS/SEED. Curitiba: SEED-Pr. 2007

http://www.nc.ufpr.br/concursos_externos/seed2007/documentos/edital_102007_pedagogo.pdf Acesso em 15 de setembro de 2013.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 3ª.ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública**. 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

SILVA, Aída Maria Monteiro. **A Violência na Escola: A Percepção dos Alunos e Professores**. <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p253-267_c.pdf> acesso em 16 de outubro de 2013.

WINNICOTT, Donald Woods. **O julgamento moral na criança de Jean Piaget** (São Paulo: Mestre Jou, 1977); Coletânea de artigos, Privação e Delinquência, Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.